

LILI MARLENE: A CANÇÃO QUE VIROU HINO DE SOLDADOS.

Manoel de Andrade

Eu já tinha ouvido “Lilli Marlene” na voz de Marlene Dietrich, mas não imaginava que aquele poema, transformado em música, tivesse uma trajetória tão fantástica e nem que Hans Leip tivesse sido um escritor tão fecundo. Quantos vultos famosos da história europeia estiveram, direta ou indiretamente, relacionados com essa célebre canção!!! A interculturalidade com que o texto é escrito leva-nos a caminhar pelos fronts históricos e geográficos da Segunda Grande Guerra, bem como pelos seus bastidores, chocando-nos com o terror da censura nazista sobre a cultura. Era a ironia da própria guerra trazendo, depois do bombardeiro alemão de Belgrado, o som radiofônico de uma canção ouvida e apreciada, a despeito da proibição de Goebbels, pelo prestígio do General Rommel e seus soldados nas areias da África. Como um rastilho de pólvora a parceria poético-musical Leip&Shultze começa correndo acesa, no idioma de Goethe, pelas trincheiras nazistas e aliadas, mas seu encantamento vai explodir também nos ouvidos dos soldados russos.

Conheci a história de “Lilli Marlene” através do belíssimo ensaio de Frederico Füllgraf. O rigor intelectual com que vasculhou e constatou, pela crítica documental de suas fontes, a autenticidade dos fatos, conduz o leitor pelos estranhos atalhos desse fantástico fenômeno musical, para nos apresentar uma admirável pesquisa sobre quase um século de vida do tão discutido poema-musical alemão. Seu ensaio envolve-nos com a história do um jovem soldado, saudoso da namorada, que lhe inspira, no campo de batalha, seus primeiros versos. Esse romântico enredo de guerra lembra o grande poema “Espera-me” que o poeta e dramaturgo russo Konstantin Simonov, escreveu, em 1941, no front contra os alemães à sua querida Valentina Serova.

Traduzido para muitos idiomas, e para o português, com incomparável beleza lírica,

por Hélio do Soveral, *Espera-me ou Espera por mim* é um dos mais conhecidos poemas da Rússia. A sensibilidade de Cleto de Assis escreveu a essência comovente dessa história no seu site Banco da Poesia:

<http://cdeassis.wordpress.com/2009/06/19/poema-de-amor-e-guerra/>

Abro aqui um parêntesis, fugindo do estrito significado musical do texto, para considerar as grandes motivações que o fenômeno da guerra tem trazido à criação poética e musical, propiciando produções ou veiculando versos de infinita beleza. Por certo a *Ilíada* e a *Odisseia* não existiriam sem a Guerra de Troia, nem a Itália teria seu grande poema épico se o início das Cruzadas não inspirasse Torquato Tasso a escrever *Jerusalém Libertada*. A *Chanson d'Automne*, de Paul Verlaine, não seria tão conhecida se não fosse enviada também por rádio, como uma senha, à Resistência Francesa anunciando o desembarque aliado na Normandia e determinando o fim do Terceiro Reich, que pretendia durar mil anos. Que honra maior poderia ter um poema, abrindo com o lirismo e o suave encanto dos seus versos, as portas da liberdade do continente europeu dominado pelo nazismo? E nesse contexto as comparações se derivam para as canções que inspiraram a resistência revolucionária nas guerras civis que abalaram o mundo e se celebrizaram com o nome Marselhesa, na França revolucionária e como *Le chant des Partisans*, entoado pela Resistência, na França invadida pelos exército alemão. Com o mesmo ardor se cantava *Se me quieres escribir* e *Viva la Quinta Brigada*, na Guerra Civil Espanhola. E assim foi, ao som da *Bandiera Rossa* e *Bella Ciao* na Itália, *Nicaragua Nicaraguita*, cantada pelos sandinista, *Venceremos*, no Chile socialista, onde *Viva Chile Mierda*, de Fernando Alegria, foi o poema mais declamado durante o governo de Salvador Allende. Aqui, no Brasil, a canção *Caminhando*, de Geraldo Vandré, foi o hino revolucionário com que a nação inteira protestou, cantando, contra a ditadura militar.

Voltando à história sentimental do soldado Hans Leip e seu poema, e considerando a amplitude do texto, creio ser interessante repicar, neste comentário, alguns aspectos marcantes no longo artigo de Frederico Füllgraf. Primeiramente, o encanto musical das emissões diárias da "canção de um jovem sentinela" pela rádio de Belgrado, polarizando a longínqua atenção dos soldados alemães no norte da África. A transmissão, captada também na região pelos soldados britânicos, levou o orgulho militar inglês, sob o comando de Montgomery, a criar uma sarcástica versão política

de "Lilli Marleen" ironizando Hitler e o partido nazista. O autor nos fala da canção na voz radiofônica da BBC e de meio milhão de discos vendidos, em 1944, na Inglaterra e sua versão adaptada para 50 idiomas. Detalha a biografia conturbada e trágica de Lale Andersen e depois sua turnê pela Coreia e Indochina. A segunda grande intérprete da canção é Lucie Mannheim, chegando enfim à Marlene Dietrich, que foi a mascote musical dos aliados, correndo os Estados Unidos e a Europa com "Lilli Marleen" nos lábios e as grandes plateias aos seus pés. Os intérpretes da famosa canção se sucedem, no incrível caleidoscópio de informações --- que transpiram normalmente por todos os neurônios do Frederico que conhecemos, --- passando por Edith Piaf e Bing Crosby, e por interpretações contemporâneas na voz da cantora francesa Patrícia Kaas, comemorando, em 2005, os 60 anos do Dia "D".

O texto, entre outras tantas revelações e curiosidades, traz uma passagem pitoresca envolvendo Winston Churchill e seu pesadelo com o General Rommel, em torno da sua preferência pela canção. Refere-se também a uma misteriosa versão judaica feita por Stefan Zweig. O ponto alto do texto é a referência a uma edição de 2006 do livro em que a autora, Lilly Freud Marlé, sobrinha de Freud, revela ser a pessoa que inspirou Hans Leip a escrever o poema que gerou a composição musical "Lilli Marleen", versão reiterada por outros descendentes de Freud.

Finalmente é surpreendente constatar que as sementes lançadas há noventa e cinco anos por um simples poema que se tornou canção, tenha se aberto em tantas flores musicais pelos idiomas do mundo inteiro, inclusive uma versão judaica de nome Lili, em homenagem à para-quedista Hannah Senesh, morta em Budapeste pela Gestapo, e geram ainda, ano a ano, tantos frutos "saborosos" para a viúva de Leip e mantenham repletos os celeiros amoadados do compositor Norbert Schultze. Parabenizando o autor pela dimensão crítica e historiográfica do seu trabalho, ressalto as duas ironias genialmente bem colocadas: a primeira que "Lilli Marleen" foi a única contribuição dos nazistas para o mundo". E a segunda ironizando a primeira: "Que uma musa judia seria a inspiradora da mais célebre canção nazista."

.....

(*) Este texto foi postado em 14 de setembro de 2010 no Blog Füllgrafianas, e republicado no Blog de Luís Nassif em 04 de novembro de 2011 com o título: Lili

Marlene: a canção que virou hino de soldados.

Leia as três partes da matéria comentada aqui:

http://fuellgrafianas.blogspot.com.br/2010/09/lili-marleen-os-95-anos-de-um-mito_5709.html

http://fuellgrafianas.blogspot.com.br/2010/09/lili-marleen-os-95-anos-de-um-mito_09.html

<http://fuellgrafianas.blogspot.com.br/2010/09/lili-marleen-os-95-anos-de-um-mito.html>